



OS ESPAÇOS DA CASA EM VERMELHO AMARGO: EXÍLIO MEMORIAL DA DOR

THE SPACES OF THE HOUSE IN VERMELHO AMARGO: MEMORIAL EXILE OF PAIN

Maria de Fatima Castro de Oliveira Molina¹

Maria Clara Rodrigues de Resende²

Damaris Lucena da Silva³

RESUMO:

A proposta deste estudo consiste em analisar a configuração do espaço doméstico da casa na obra *Vermelho amargo* (2017), de Bartolomeu Campos de Queirós, concebendo-o como um exílio para as memórias traumáticas do narrador-personagem. A investigação problematiza a capacidade da casa de evocar reminiscências dolorosas, consolidando-se como um refúgio simbólico do passado na estrutura narrativa. O percurso metodológico fundamenta-se no estudo dos recursos composicionais do espaço, tratado como uma categoria narrativa funcionalmente ativa. O arcabouço teórico, sustentado pelas contribuições de Brandão (2013), Borges Filho (2007), Lins (1976) e Dimas (1985), permite apreender a dimensão espacial na obra. Os resultados indicam que a perda materna ressignifica o ambiente familiar como um território de dor e introspecção, tornando o espaço um elemento central na constituição da subjetividade e da arquitetura do romance.

Palavras-chave: *Vermelho amargo*; Casa; Espaço; Narrativa.

ABSTRACT:

This study aims to analyze the configuration of the domestic space of the house in the novel *Vermelho Amargo* by Bartolomeu Campos de Queirós, conceiving it as an exile for the traumatic memories of the narrator-character. The investigation problematizes the house's ability to evoke painful reminiscences, consolidating itself as a symbolic refuge of the past within the narrative structure. The methodological approach is grounded in the study of the compositional resources of space, treated as a functionally active narrative category. The theoretical framework, supported by the contributions of Brandão (2013), Borges Filho (2007), Lins (1976), and Dimas (1985), makes it possible to apprehend the spatial dimension in the work. The results indicate that maternal loss resignifies the family environment as a territory of pain and introspection, making space a central element in the constitution of subjectivity and in the architecture of the novel.

Keywords: *Vermelho Amargo*; House; Space; Narrative.

¹Professora do Departamento Acadêmico de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras PPGL/UNIR. <https://orcid.org/0000-0001-8193-3088> E-mail: fatima.molina@unir.br

²Acadêmica do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Literários - PPG-MEL/UNIR. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2125-5378> E-mail: clararesende2016@gmail.com

³Acadêmica do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Literários - PPG-MEL/UNIR. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-1347-5404> E-mail: damarislucena007@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Publicada em 2011, a obra *Vermelho amargo*, de Bartolomeu Campos de Queirós, conquistou o Prêmio São Paulo de Literatura como Melhor Livro do Ano em 2012, ano do falecimento do autor. O texto é marcado por uma escrita poética e densa, cujas camadas de significado constroem toda a sua espacialidade. Por meio de uma narrativa sedutora e evocativa, o leitor é conduzido ao interior da casa, espaço embrionário de memórias sobre a mãe e o afeto, mas que, após sua partida, transmuta-se em um cenário sombrio de saudade e dor.

A partir dessa premissa, a análise da categoria espacial concentra-se na composição da casa em *Vermelho amargo* (2017), apresentada como o espaço representativo das memórias de dor que constituem o narrador-personagem. O espaço da casa é o ponto de onde ele reconhece sua própria existência e para onde retorna no confronto com o vazio deixado pela perda da mãe na infância. No percurso investigativo, os elementos espaciais que articulam a narrativa revelam representações da desolação deixada por sucessivas ausências: primeiro a da mãe, seguida pela dos irmãos, pela presença distante do pai e pela amarga frieza da madrasta.

Dada a densidade da categoria espacial na obra, utiliza-se como aporte teórico a produção de Osman Lins (1976) sobre o espaço romanesco, as reflexões de Osiris Borges Filho (2007) acerca da relação entre espaço e literatura e os estudos de Luis Alberto Brandão sobre as teorias do espaço literário (2013). Tais referenciais fundamentam a análise aqui proposta.

2. A OBRA VERMELHO AMARGO

A epígrafe “Foi preciso deitar o vermelho sobre papel branco para bem aliviar ser amargor” empregada nas páginas iniciais, antecipa ao leitor o tom memorialístico que perpassa a narrativa de *Vermelho amargo*. O ato de “deitar o vermelho sobre o papel” sugere o esforço contínuo do narrador em desvelar memórias de dor, solidão e desamparo provocadas pela perda da mãe. Ao revisitar o passado, o narrador-personagem situa suas memórias nos espaços domésticos outrora preenchidos pela presença materna: da cozinha ao quintal, cada cômodo e objeto evoca a figura da mãe: “A mãe morta ressuscitava das louças, das flores, dos armários, das cadeiras, das panelas, das manchas dos retratos retirados das paredes, das gargantas das galinhas” (Queirós, 2017, p. 15). Nesse doloroso confronto, a ausência materna é dividida com o pai e os irmãos, contrastando com a frieza da madrasta, que se materializa cotidianamente no corte fino e afiado das fatias de tomate.

Na tessitura narrativa, o menino, outrora carente de afeto, desperta as lembranças do narrador-personagem, que revive a dor de uma existência marcada pela ausência materna. Ao partir, a mãe leva consigo não apenas o amor, mas a própria capacidade do menino de amar e ser amado.: “A mãe partiu cedo – manhã seca e fria de maio – sem levar o amor que diziam eu ter por ela. Daí, veio me sobrar amor e sem ter a quem amar” (Queirós, 2017, p. 11). Sentindo-se aturdido, o narrador-personagem ancora nos espaços da casa as lembranças do breve convívio com sua família. Ao percorrer esses ambientes, ele revive o abandono, a solidão e a negligência afetiva que marcaram sua relação com o pai e a madrasta. Sobre a centralidade do espaço da casa e sua relação com o universo interior do narrador-personagem, Bourneuf ressalta que o espaço não é apenas um cenário passivo, mas um reflexo das tensões psicológicas e da topografia mental da personagem:

VA é um texto marcado pelos espaços da infância e, mais especificamente, pelo restrito espaço doméstico e por personagens envolvidos nesse universo, interiorizados em suas angústias e anseios. A casa natal, localizada em uma pequena cidade do interior mineiro, abriga sentimentos ambíguos que se alternam. Nesse cenário, sentimentos nascem e se modificam e, com isso, transformam a casa paterna. Essa casa de VA é a casa da humanidade, que convoca o imaginário, a casa de lembranças e intimidade que envolve o leitor na antagônica sensação de abrigado ou de exilado (Bourneuf, 2015, p. 12).

Estruturada dessa forma, a casa abriga tanto o convívio familiar quanto os vestígios daqueles que partiram. Essa angústia se projeta na própria espacialidade do texto por meio de uma marcação numérica regressiva: inicia-se com o oito, simbolizando a família completa, e culmina no dois, sinalizando a iminência da partida: “Dois. Desconheço o depois de minha despedida. Não se caminha sobre a sombra ao entardecer” (Queirós, 2017, p. 64). Esse 'depois' é vivenciado na retomada do passado, por meio das memórias que dão substância e sentido à sua própria existência.

Toda a narrativa se desenvolve sob o olhar do menino no passado, revelado por um narrador-personagem que reconhece, na essência do amor materno, o sentido de sua infância. Com a morte da mãe e a chegada da madrasta, o amor torna-se um sentimento desconhecido: “Sem o colo da mãe, eu me fartava em falta de amor. O medo de permanecer desamado fazia de mim o mais inquieto dos enredos” (Queirós, 2017, p. 10). Essa percepção materializa-se na estrutura narrativa e na confluência tempo-espaço, manifestando-se na não linearidade das retomadas do passado e na busca incessante por uma reconciliação entre as dores do passado e o que restou do menino desamado.

Essa busca extrapola os limites físicos da casa, estendendo-se pela cidade e pelas figuras que povoam seu imaginário, como o padre e a mulher da sombrinha vermelha, resgatando o que cada um simbolizava. Contudo, a memória da dor é o fio condutor da narrativa, pois as lembranças carregam o “ranço de uma infância desamada” (Queirós, 2017, p. 20). É esse resgate que leva o narrador-personagem a contrastar, por meio da imagem do corte do tomate, o amor delicado da mãe e a frieza cruel da madrasta: “O tomate insistia em dar sustância às nossas refeições. Desde sempre imaginei a raiva vestida de vermelho, empunhando uma faca” (Queirós, 2017, p. 27). Nessa configuração, o tomate reveste-se de um simbolismo ambivalente: carrega o vermelho vibrante do amor materno, mas também o amargor associado à figura da madrasta. Os gestos de amor da mãe traduziam-se em afagos capazes de despertar a imaginação, convertendo o toque em matéria de sonho: “Antes, minha mãe, com muito afago, fatiava o tomate em cruz, adivinhando os gomos que os olhos não desvendavam, mas a imaginação alcançava. [...] Há, sim, outras palavras mais doces que o açúcar (Queirós, 2017, p. 14)”.

É no manejo da prosa poética que o espaço da casa, em *Vermelho amargo*, ganha densidade. Por meio das minúcias descritivas do narrador-personagem, o ambiente torna-se um espaço de interioridade, de onde emergem e são desveladas suas memórias do passado. A casa que abrigou a mãe e todo o amor da infância foi a mesma que acolheu a ausência de afeto e a dor da solidão, constituindo-se como o espaço privilegiado para a (re)construção de suas memórias.

3. AS INSTÂNCIAS SUBJETIVAS DO ESPAÇO LITERÁRIO

A apreensão do espaço sob uma perspectiva subjetiva, o que Barbieri (2009) denomina cartografia simbólica, abrange um campo mais amplo do que a dimensão física ou geográfica, dada a relevância que essa categoria assume na produção de sentidos da narrativa. Ao analisar a composição do espaço narrativo, Claudia Barbieri adota pressupostos que expandem a função desse elemento na literatura. A autora salienta a importância de uma cartografia simbólica, na qual a geografia física se funde às projeções psicológicas do narrador:

O espaço na narrativa, muito além de caracterizar os aspectos físico-geográficos, [...] cria também uma cartografia simbólica em que se cruzam o imaginário, a história, a subjetividade e a interpretação. A construção espacial da narrativa deixa de ser passiva – enquanto um elemento necessário apenas à contextualização e pano de fundo para os acontecimentos – e passa a ser um agente ativo: o espaço, o lugar como um articulador da história. A percepção deste pela personagem e seu percurso dão ao leitor uma maior compreensão da constituição de ambos e ampliam as possibilidades de significação do texto. (Barbieri, 2009, p. 105)

Como se nota, a percepção do espaço pela personagem ganha relevância na construção dessa cartografia simbólica, dadas as amplas possibilidades de significação que dela emergem. Em consonância com a estrutura de *Vermelho amargo*, é pelo olhar do narrador-personagem que a casa se revela como elemento articulador da história, o eixo central por onde são produzidas as memórias de uma infância marcada pelas dores do passado. Assim, opondo-se à concepção de elemento passivo, o espaço atua como um agente produtor de sentidos. Assim, para sua plena apreensão, o percurso teórico deve extrapolar a mera localização geográfica da personagem na narrativa, alcançando as camadas subjetivas da obra. Para além dessa noção, apreender as potencialidades do espaço implica reconhecer que as significações que o envolvem não são excludentes, mas conciliadoras, como afirma Luís Alberto Brandão (2013). Essa proposta de conciliação parte de um trabalho de contextualização dos diferentes significados do espaço literário, permitindo depreendê-lo, confirmá-lo e realçá-lo. Segundo o autor, 'isso nitidamente se verifica na índole espacial de vertentes importantes das literaturas moderna e contemporânea' (2013, p. 3). Nessa perspectiva, apreender a noção de espaço em sentido amplo pressupõe utilizar um conjunto de referências, o que torna impossível o isolamento de seus significados.

A definição de espaço, segundo o *Dicionário de Teoria da Narrativa*, apresenta mais de uma concepção para a categoria, visto que o termo abrange desde o cenário físico onde a ação se desenrola até as dimensões psicológicas e sociais que moldam a experiência das personagens:

Entendido como domínio específico da história o espaço integra, em primeira instância, os componentes físicos que servem de cenário ao desenrolar da ação e à movimentação das personagens [...]; em segunda instância, o conceito de espaço pode ser entendido em sentido translató, abarcando então tanto as atmosferas sociais (espaço social) como até as psicológicas (espaço psicológico). (Reis, 1988, p. 204).

Os desdobramentos dessa definição podem ser identificados em estudos de autores que se debruçam sobre a natureza do elemento espacial no domínio literário. Destacam-se, entre outros, as reflexões de Antônio Dimas (1985), Osman Lins (1976) sobre o espaço romanesco, a abordagem de Osiris Borges Filho (2007) acerca da relação entre espaço e literatura, e as contribuições de Luis Alberto Brandão (2013) sobre as teorias do espaço literário.

Ao examinar os variados modos de visualização e o estatuto do espaço no romance, Dimas destaca que essa categoria ora se apresenta exposta, ora camuflada. Para o autor, o componente espacial pode tanto nivelar-se em importância a elementos como o foco narrativo, o personagem e o tempo, quanto ocupar um plano secundário na obra:

É bem verdade que, reconheçamos logo, em certas narrações esse componente pode estar severamente diluído e, por esse motivo, sua importância tornar-se secundária. Em outras, ao contrário, ele poderá ser prioritário e fundamental no desenvolvimento da ação, quando não determinante. Uma terceira hipótese ainda, esta bem fascinante! é a de ir-se descobrindo-lhe a funcionalidade e organicidade gradativamente, uma vez que o escritor soube dissimulá-lo tão bem a ponto de harmonizar-se com os demais narrativos, não lhe concedendo, portanto, nenhuma prioridade. Em resumo: cabe ao leitor descobrir onde se passa uma ação narrativa, quais os ingredientes desse espaço e qual sua eventual função no desenvolvimento do enredo (Dimas, 1985, p. 6).

Em *Vermelho amargo*, a configuração espacial da casa funciona como o núcleo das memórias do narrador-personagem. Há uma conexão intrínseca entre os objetos domésticos e o quintal com o sentimento de amor, evocado pela presença da mãe, ou com a sua carência, decorrente de sua ausência.

Posiciona-se contrário ao estabelecimento de uma tipologia do espaço, Lins (1976) destaca que as possibilidades de apreensão do espaço romanesco revelam a importância que esse elemento estrutural pode assumir na ficção, chegando, inclusive, a ser o fulcro e a fonte da ação. Partindo dessa premissa, o autor formula uma definição para o elemento espacial sustentada no princípio de que “o espaço, no romance, tem sido – ou assim pode entender-se – tudo que, intencionalmente disposto, enquadra a personagem e que, inventariado, tanto pode ser absorvido como acrescentado pela personagem” (Lins, 1976, p. 72).

Sob esse entendimento, o espaço opõe-se a perspectivas teóricas que o concebem de forma estática, linear, tendendo a sua funcionalidade para atuar como pano de fundo do romance. Sua dinamicidade o impede de ficar reduzido a um horizonte denotativo, posto que os recursos verbais manipulados pelo autor o revestem de um caráter simbólico, segundo a dimensão estética do texto literário.

Em sua proposta de toponálise, Borges Filho (2007) dá continuidade ao aspecto dinâmico do espaço na obra literária, apontando caminhos para a análise dessa categoria. O autor trabalha com a noção de 'gradientes sensoriais' para referir-se aos sentidos utilizados pelo homem no processo perceptivo. Assim, o modo como a personagem percebe o espaço sensorialmente constitui mais uma das possibilidades interpretativas que emergem da relação entre o elemento espacial e o sujeito na obra.

Para Brandão (2013), a representação do espaço é a vertente de análise mais recorrente, pois foca na forma como essa categoria se manifesta no texto. Segundo o autor: “Aqui se entende espaço como ‘cenário’, ou seja, lugares de pertencimento ou trânsito dos sujeitos ficcionais, recurso de contextualização da ação” (2013, p. 59). Integram essa representação os chamados

significados translatos — os espaços metafóricos do social e do psicológico. Enquanto o primeiro é analisado sob perspectivas históricas, culturais e ideológicas, o segundo adota um enfoque subjetivista, compreendendo a atmosfera intimista gerada pelos afetos que movem narrador e personagem. Sob esse viés, examinam-se os efeitos produzidos pelos procedimentos descritivos e narrativos na construção da obra.

4. O ESPAÇO DA CASA EM *VERMELHO AMARGO*

As estratégias narrativas empregadas em *Vermelho Amargo* potencializam o foco no espaço doméstico. A casa, por meio de seus signos materiais, configura-se como um micromundo destinado a abrigar o sofrimento do passado, especialmente a dor causada pela ausência materna. Assim, analisar a construção do espaço na tessitura narrativa pressupõe identificá-lo como a referência que situa o narrador-personagem no ambiente doméstico, no tempo, nas interações sociais e em sua dimensão existencial. O espaço da casa revela sua importância e o significado que circunda cada objeto a partir da percepção do narrador-personagem, cujo olhar não vai além do horizonte da sua dor: os móveis e cômodos deixam de ser meros cenários para se tornarem extensões de sua própria melancolia:

A mãe nos contava sobre nossos bens: uma casa com um quintal, uma horta sob mangueira, um pé de jabuticabas — que nos espiava com muitos olhos pretos. No mais, um regador para dar de beber às plantas. Nas tardes, quando o tempo se faz humano por parecer duvidar, minha mãe, sustentando o regador pela asa, benzia as flores. Exalava um perfume de terra molhada e a alma se fazia definitivamente telúrica. Viver tinha sabor de chão encharcado. Mas isso não leva importância (Queirós, 2017, p. 31)

O espaço assim representado é regido por todo sentimento e emoção que o constitui, ou seja, “está impregnado de sentidos que possibilitam ao leitor sair da objetividade da obra e agregar outras características possíveis para o que lhe foi dado a conhecer ao longo da leitura” (Barbieri, 2009, p. 116). Regidos pelas leis da interioridade, os espaços da casa e do quintal são impregnados pelo perfume que exala da alma do narrador-personagem, despertando os sentidos por meio da memória. Os elementos cênicos evocados tais como objetos, luz, sons e cheiros são responsáveis, segundo Barbieri, “pela composição dos ambientes e que contribuem na criação da atmosfera do texto” (2009, p. 116). Nessa configuração, o espaço em *Vermelho amargo* é apreendido por meio de sua interdependência com outras categorias narrativas, especialmente o tempo e os personagens. Relação que estabelece com as outras categorias narrativas, tais como o tempo e os personagens, conforme evidenciado a seguir:

Sem a mãe, a casa veio a ser um lugar provisório. Uma estação com indecifrável plataforma, onde espreitávamos um cargueiro para ignorado destino. Não se desata com delicadeza o nó que nos amarra à mãe. Impossível adivinhar, ao certo, a direção do nosso bilhete de partida. Sem poder recuar, os trilhos corriam exatos diante de nossos corações imprecisos. Os cômodos sombrios da casa — antes bem-aventurança primavera — abrigavam passageiros sem linha do horizonte. Se fora o lugar da mãe, hoje ventilava obstinado exílio (Queirós, 2017. p.9)

A caracterização do ambiente doméstico reflete o aturdimento do narrador diante do luto. Por meio de termos como “indecifrável plataforma” e “cômodos sombrios”, a casa deixa de ser um mero cenário para se tornar uma projeção da sua existência desolada, conferindo unidade entre o espaço físico e o trauma psicológico. Nesse contexto, o espaço doméstico evoca a ideia de atmosfera ao revelar a angústia que envolve o personagem. Conforme elucida Lins, embora tal abstração não resulte sempre do espaço, em *Vermelho amargo*, por exemplo, ela nasce da morte da mãe, a atmosfera surge “com frequência como emanção deste elemento, havendo mesmo casos em que o espaço justifica-se exatamente pela atmosfera que provoca” (1976, p. 76). Assim, os recursos de caracterização permitem apreender o clima que envolve o ambiente doméstico.

As metáforas da casa, concebida como uma estação indecifrável que emite um bilhete sem direção, sugerem um estado de desolação que une o espaço ao personagem. Percebe-se, portanto, a relevância do elemento espacial na construção de uma atmosfera que ressoa diretamente com as ações encenadas. Marcada pela subjetividade, a atmosfera é perpassada por um “tom emocional que se infiltra pelo enredo, pelas personagens e pelos espaços” (LINS, 1976, p. 76). Em *Vermelho amargo*, esse efeito é construído por recursos textuais que evocam melancolia e tristeza, especialmente no detalhe das descrições do espaço que se relacionam a estruturas subjetivas ligadas ao estado psicológico do narrador-personagem:

Sobre os dias, a ausência da mãe ganhava corpo. O tempo — capaz de trocar a roupa do mundo — não consumia sua lembrança. Quando se ama, em cada dia o morto nasce mais. Em tudo, sua ausência estava presente. Sobre a fruteira da mesa da sala de jantar, na janela em que se debruçava nas tardes, na gota de água que pingava da torneira, no anil que clareava os lençóis, ela se anunciava. No silêncio obrigatório para bem escutar os pássaros, ela se emanava (Queirós, 2017, p. 20).

É na confluência entre tempo e espaço que a ausência da mãe assume a dimensão do vazio da casa, espalhando-se por cômodos e objetos. A casa passa a materializar a arquitetura temporal dessa ausência: nela, tudo é saudade convertida em silêncio. Dessa forma de expressão emerge o entendimento de que o espaço narrativo se manifesta por meio de diferentes configurações: pode materializar-se em estruturas concretas, que contextualizam a ação, ou abranger elementos

da atmosfera, como sensações e expectativas. Em *Vermelho amargo*, essas dimensões se fundem, pois o espaço físico da casa é constantemente transmutado pelas impressões subjetivas do narrador no decorrer do tempo.

A junção dos recursos utilizados na construção dos espaços da casa remete ao conceito de ambientação, entendida por Lins como o “[...] conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado ambiente” (1976, p. 77). Segundo o autor, essa noção distingue-se do espaço por estar ligada ao plano do discurso, evidenciando os recursos expressivos empregados na construção da arte narrativa. Tais recursos, aplicados à descrição dos diferentes cômodos, permitem ao leitor uma visão de conjunto: um espaço que revela a dor do narrador-personagem diante da perda da mãe. Moldurado por essa subjetividade, o espaço do cotidiano da infância assim se revela:

Se a chuva chovia mansa o dia inteiro, o amor da mãe se revelava com mais delicadeza. O tempo definia as receitas. Na beira do fogão ela refogava o arroz. O cheiro do alho frito acordava o ar e impacientava o apetite. A couve, ela cortava mais fina que a ponta da agulha que borda mares em ponto cheio. Depois, mexia o angu para casar com a carne moída, salpicada de salsinha, conversando com o caldo do feijão. Tudo denunciava o seu amor. Nós, meninos, comíamos devagar, tomando sentido para cada gosto. Ela desconfiava que matar nossa fome era como nos pedir para viver. A comida descia leve como o andar do gato da minha irmã. (Queirós, 2017, p. 35).

A cena cotidiana confere visibilidade ao espaço do lar e ao acolhimento da cozinha, ambiente impregnado pelo aroma do tempero materno, que alimentava de amor a existência dos filhos. As imagens construídas evocam a predominância do amor materno, que ressignificava os gestos mais simples do cotidiano no seio da família. Ao encontro do que afirma Lins, “[...] tudo na ficção sugere a existência do espaço, e mesmo a reflexão, oriunda de uma presença sem nome, evoca o espaço onde proferem e exige um mundo no qual cobra sentido” (1976, p. 69). Na construção desse sentido, interfere a intervenção do narrador-personagem que, ao assumir a postura saudosista, não se furta a descrever os elementos da composição do cenário de amor que o envolvia.

O modo de percepção espacial pelo viés sensorial também é abordado por Borges Filho (2009) como uma das possibilidades interpretativas que emergem da relação entre espaço e personagem. Sob essa ótica, o pesquisador utiliza o conceito de “gradientes sensoriais” para descrever os sentidos mobilizados nesse processo perceptivo. Segundo ele, o olfato permite captar sugestões de imagens, informações e ideias sobre a espacialidade no romance. Conforme enfatiza: “Outro dado muito interessante ligado ao olfato é que o odor pode mais facilmente que os outros sentidos evocar lembranças carregadas emocionalmente” (2009, p. 179).

Pela impregnação do aspecto psicológico e sob a ótica da topo análise proposta por Borges Filho (2007), a caracterização da casa em *Vermelho amargo* também corresponde à concepção de ambiente. Essa proposição é ratificada, no excerto, pela metáfora da ternura como base de sustentação do lar. Complementam essa configuração os atributos sagrados conferidos à casa, que acentuam a importância representacional desse espaço na construção dos sentidos ligados à religiosidade materna na narrativa:

A mãe colhia singelos buquês de flores e sepultava aos pés de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Imagem de gesso, colada com grude de polvilho — de muito tombar — na quina do quarto. Às vezes, uma vela permanecia acesa, sem pecado para queimar-se. (Queirós, 2017, p. 30)

Os recursos empregados nessa descrição são os responsáveis pela composição do ambiente. Para além da ação narrada, importam para a compreensão desse espaço as técnicas de composição da cena, no caso do excerto, a presença da vela acesa no quarto. Sua força perceptiva está interligada à proposta enunciativa, no sentido de criar imagens impactantes que remetem às memórias do narrador-personagem.

Nos exemplos apresentados, observa-se a atuação do espaço em sua função interativa que, segundo Borges Filho (2015), transcende o papel de mero pano de fundo para se instaurar como espaço vivido. Conforme explica o estudioso: “O espaço não somente localiza, mas também interage com a personagem, salientando, por semelhança ou contraste características sociais e/ou psicológicas, sentimentais etc.” (p. 31). Assim, os ambientes da casa, do quarto e da cozinha, em suas configurações simbólicas, interagem intimamente com a percepção do narrador-personagem, revelando a profundidade de seus sentimentos e de sua identidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atmosfera que envolve o espaço em *Vermelho amargo* torna essa categoria um elemento articulador da história e um agente produtor de sentidos, atuando como um exílio para as memórias de dor do narrador-personagem. Nessa configuração, a dimensão estética da casa estabelece conexões profundas com o cerne das lembranças da infância, marcadas pelo desamparo afetivo decorrente da ausência materna.

O tempo da infância e as referências espaciais da casa trazem o traço da presença materna, fonte de amor que dá sentido existencial à vida. Após a partida da mãe, o ambiente doméstico torna-se um espaço sombrio, de onde emanam as memórias que conduzem o narrador-personagem a uma busca constante de se reencontrar com o que restou. Diante do conflito de não mais se

reconhecer no espaço de outrora, agora impregnado pela ausência, resta-lhe transitar pelo lugar provisório em que a casa se transformou.

É na delimitação desse espaço fronteiriço, entre vida e morte, amor e amargor, presença e solidão, que a casa se converte. Nela, os recursos empregados na construção espacial, como as descrições sensoriais, condensam sentidos que se propagam em um movimento duplo de idas e vindas: da casa para a produção das memórias, e das memórias para a composição espacial.

A apreensão do espaço da casa em *Vermelho amargo* revela o potencial significativo dessa categoria narrativa em seus elementos constitutivos. O desvelamento das espacialidades, das atmosferas e dos ambientes estabelece as conexões de sentido produzidas no engendramento das memórias do narrador, vinculando a aurora existencial da presença materna ao entardecer de sua despedida, impulsionado pela ausência desse amor.

REFERÊNCIAS

BARBIERI, Claudia. Arquitetura literária: sobre a composição do espaço narrativo. In: BORGES FILHO, Oziris; BARBOSA, Sidney (org). **Poéticas do espaço literário**. São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2009.

BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura**: introdução à topoanálise. Franca, SP: Ribeirão gráfica e Editora, 2007.

BORGES FILHO, Ozires. (Org.) **Espaço e literatura**: perspectivas. Franca, SP: Ribeirão gráfica e Editora, 2015.

BOURNEUF, Françoise Jan Sommer. **Tempo e espaço na prosa poética Vermelho amargo, de Bartolomeu Campos de Queirós**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora-CES. Juiz de Fora, 2015.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Teorias do espaço literário**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Fapemig, 2013.

DIMAS, Antônio. **Espaço e Romance**. São Paulo: Ática, 1985.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Vermelho amargo**. São Paulo: Global, 2017.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.